



AS MANIFESTAÇÕES FOLCLÓRICAS PORTUGUESAS NA CIDADE DE SÃO  
PAULO

TALITA CARNEIRO DE MATOS<sup>1</sup>

2015

---

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em História Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, - São Paulo – SP – bolsista CNPq.

A comunidade portuguesa em São Paulo é uma ilustre desconhecida. Apesar de qualquer um ser capaz de identificar um português ou um descendente de português nas cercanias onde mora ou trabalha, ainda assim, esta pessoa será considerada apenas pelo seu sotaque ou como dona de algum estabelecimento comercial: um mercadinho, uma padaria, algo que a torne caricata aos olhos do brasileiro sempre pronto a fazer alguma piada em relação a sua origem e a sua fama.

A comunidade portuguesa é organizada de tal forma, que faz questão de preservar as chamadas “tradições” de sua cultura popular, o que não é conhecido por grande parte da população brasileira. E essa preservação ocorre com as chamadas Casas Portuguesas. Associações e clubes que concentram os integrantes dessa comunidade que se juntam para cantar, tocar e dançar o autodenominado folclore português. Essas casas contam com festas abertas ao público com direito a comidas típicas e as apresentações dos Ranchos Folclóricos embalam esses encontros que acontecem semanalmente na cidade de São Paulo.

Um dos pontos interessantes sobre as tradições folclóricas portuguesas é que essas manifestações talvez sejam mais fortes nos países que abrigam imigrantes dessa comunidade. Há festivais de folclore em Portugal, mas essas atividades remetem a um Portugal que deveria ter sido substituído por um país mais moderno, sem o ranço da saudade campesina, sem o estigma imposto por Salazar, de uma identidade rebuscada nos seus valores e costumes mais antigos. “O folclore também pode ser resgatado para servir a razões políticas, exacerbando um nacionalismo anteriormente fraco, sendo então, modificado, ritualizado e institucionalizado.” (HOBSBAWN, 2002, p. 14.).

Hoje Portugal se vê moderno, principalmente Lisboa e seus centros empresariais contemporâneos que se contrapõem aos bairros boêmios e repletos de casas de fado.<sup>2</sup> Esses grupos dançam o Vira, a Chula, a Cana Verde, sempre cadenciados pelo ritmo do bumbo que marca os passos fortes caracterizados pelo bater das chinelas e a rodada das amplas saias das mulheres. Definição de danças folclóricas: expressões populares desenvolvidas em conjunto ou individualmente, que têm na coreografia o elemento definidor (FRADE, 1991, p. 35).

---

<sup>2</sup> O fado não se confunde com as músicas dos grupos folclóricos. O fado é cantado por uma só pessoa, acompanhada de um músico que toca a guitarra portuguesa. É um canto melancólico que remete à saudade, ao lamento da alma portuguesa, o destino, este aliás, real significado da palavra fado.

No caso do autodenominado folclore português, termo reafirmado pelos grupos, remete a uma forma de cristalização das tradições, como se elas não fossem alteradas desde suas primeiras manifestações. Aliás, o termo folclore é muito debatido em relação mais a Antropologia do que a História, pois foi sendo substituído por cultura popular, essa sim, feita de mudanças. Mas o significado de folclore foi atribuído pelo inglês William John Thoms, um neologismo que significa a prática de recolhimento das tradições camponesas pela oralidade, ou seja, o saber do povo (VILHENA, 1997, p. 24). Segundo Almeida (1957), revela a alma coletiva dos povos. Contemporaneamente, o termo cultura ampliou seu repertório, recebendo contribuições das artes, religiões, instituições e práticas de significados e valores (WILLIANS, 1979, p. 21). À vista disso, mais adequado falar em culturas.

É importante frisar que nem todos os portugueses participam dessas comunidades e também há quem nunca tenha ouvido falar que elas existam e abriguem festas com essa temática. Talvez tenham mais acesso a outras culturas, com festas consideradas mais populares e com mais visibilidade do que as portuguesas.

Essa aparente invisibilidade da comunidade portuguesa no Brasil pode ter várias explicações. Os portugueses, como nossos colonizadores, legatários de parte de nossa cultura, que nos deixou a língua, a culinária, assim como outros povos, estão tão entranhados em nossa sociedade que não se apresentam mais como portugueses em si. Assimilaram outros costumes, se embaralharam com os nossos e esfacelaram os deles. Os que participam dessas associações buscam um pouco da “terrinha” e, quando voltam a Portugal, são chamados de brasileiros.

Os ranchos folclóricos são os grupos que dançam, tocam e cantam as músicas do folclore português. São canções que embalavam os momentos de trabalho e lazer de comunidades de um Portugal rural de séculos anteriores e que hoje são representadas por esses grupos.

Cada casa tem sua característica, sua regionalidade. Mesmo Portugal sendo considerado um país de dimensões pequenas comparado ao Brasil, cada região tem sua peculiaridade. E a riqueza dessas peculiaridades faz do folclore português uma seara ampla para discussão.

No estado de São Paulo são mais de vinte associações folclóricas computadas pelo Conselho da Comunidade Luso-Brasileira do Estado de São Paulo,<sup>3</sup> sendo São Paulo a cidade com o maior número de representantes. Os bairros de São Paulo que notadamente têm mais

---

<sup>3</sup> <http://www.cclb.org.br/gruposdefolclore.htm>. Acesso em 27/03/2015

reputação de bairros portugueses são a Vila Guilherme e Vila Maria, na zona norte e Vila Carrão, na zona leste. Mas essas associações estão por toda a cidade e também pela região metropolitana e a baixada santista.

A casa portuguesa mais reconhecida na cidade é a Casa de Portugal de São Paulo. Localizada no bairro central da Liberdade, atualmente conhecido como o bairro representativo da comunidade oriental de São Paulo, a Casa de Portugal foi fundada em 1935, sendo sua construção atual de 1956. Inicialmente foi construída como uma casa regional, específica do Minho, província situada ao norte de Portugal. Essa casa acolhia os portugueses dessa região. Durante alguns anos foi conhecida sede do Consulado Português em São Paulo, hoje abriga o Conselho da Comunidade Luso-Brasileira do Estado de São Paulo, a Câmara Portuguesa de Comércio e a Provedoria da Comunidade Portuguesa. Durante um tempo ajustada ao regime de Salazar, depois desviando para os lados do novo Portugal democrático, tentou trazer os jovens para seu convívio pelo viés da política. Mas o que chamou esse segmento à casa foi justamente o folclore.

Seu grupo folclórico foi fundado em 1973 com o objetivo de unir os amantes da música e danças folclóricas portuguesas, principalmente os portugueses saudosos de sua terra. Depois acolheu os luso-descendentes e então, os que não têm parentesco com portugueses.

Como a maioria dos grupos folclóricos em São Paulo, a região do Minho é a mais representada. Seus fundadores são imigrantes dessa região, além de ser a região que possui músicas e trajes que mais são considerados representativos do folclore geral português. São trajes de cores fortes, como o vermelho e o azul e os aventais que as mulheres exibem são feitos em teares manuais, cada um exibindo minúcias que demonstram a riqueza da região. Os trajes de Viana são os mais ricos em detalhes.

Há ainda os grupos que representam o folclore das ilhas: Madeira e Açores. Diferentes nas roupas e músicas.

Cada casa portuguesa tem um calendário de apresentações de seus grupos folclóricos. Todos os finais de semana há festas portuguesas. Os primeiros meses do ano não costumam contar com eventos. São almoços e jantares que contam com as chamadas comidas típicas portuguesas: bacalhoadada, sardinhada, alheira, vinhos e doces (pasteis de Belém, de Santa Clara, travesseiros de Sintra) e com a apresentação dos grupos folclóricos.

Há que se falar que nem todas as associações portuguesas contam com grupos de dança próprios.

Mas as apresentações dos grupos folclóricos, os ranchos, são o ponto alto das festas. Há sempre uma “tocata” a animar os comensais com músicas que os fazem dançar por horas, principalmente o Vira. Após o almoço ou jantar, os grupos folclóricos se apresentam. Muitas vezes há a apresentação do grupo da casa e mais um grupo convidado. Isso é prática comum. Alguns são de outras cidades ou estados. Esse intercâmbio é habitual. Quando um grupo é convidado, os integrantes têm a sua disposição a hospedagem e o transporte pagos pelo grupo que o convidou e essa gentileza é repetida pelo grupo convidado em outro momento.

Cada casa costuma fazer uma festa mensal. A Casa de Portugal é notadamente a diferenciada nesse quesito, pois não possui um calendário como as outras casas. Há o seu aniversário e a festa da Vindima que atrai muitos visitantes que assistem à apresentação da representação da colheita da uva, representando um passado que volta nessa chamada “tradição inventada”.

*Por ‘tradição inventada’ entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado. Aliás, sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado. (HOBSBAWN, 2002, p. 9)*

Os ranchos folclóricos portugueses entram nesse âmbito das tradições inventadas. Essas músicas e danças remetem ao campo. A cantoria das mulheres durante o trabalho e no caminho para casa. Remetem às festas nas aldeias, onde os pares dançavam em roda ou formando um quadrado com outro par. As roupas de trabalho e as de festas são representadas nesses grupos.

Essas roupas definem cada região e também o status social de cada um, principalmente para as mulheres. Dependendo da região, os detalhes do avental e do colete demonstram a riqueza da roupa. E quanto mais ouro, mais poder. Até as mulheres que trabalhavam no campo usavam

seu cordão de ouro. Era um investimento e joias de família. A noiva de Viana era a mais vistosa. De preto, principalmente veludo e com cordões de ouro que pesavam tanto quanto a roupa.

Atualmente essas roupas não fazem mais parte do vestuário dos portugueses. Uma ou outra senhora idosa pode ainda guardar o luto para o resto da vida e usar as saias amplas com avental e o lenço na cabeça ou uma noiva de Viana levar como parte do seu enxoval um traje de noiva como lembrança. Mas as atividades do campo e também no mar não são mais as mesmas. Não há mais festas espontâneas após o trabalho, nem a cantoria a beira do rio ao se lavar a roupa. Há festivais de folclore que acontecem no meio do ano em Portugal. Com grupos do país inteiro e também com grupos de outros países que representam o folclore português pelo mundo.

Interessante perceber que os grupos apresentam algumas músicas que contam com certo grau de variação. Muda-se a letra, um passo de dança, uma nota, um instrumento musical que é retirado ou inserido. E também grupos que dançam músicas de diversas regiões, Algarve, Ribatejo, Póvoa de Varzim, mas suas roupas definidas como as de Viana.

*O passado é trazido para o presente, reconstruído, em uma operação imaginária de sentido. Inventamos o passado, criamos realidades nos pensamentos, ao evocar o que não pode ser mais verificável. Neste momento, em que se articula uma memória social, estabelecida de maneira voluntária, deliberada e animada pelo desejo de reconstruir o passado, a história se apodera da memória. (PESAVENTO, 2006, p. 6)*

A expressão “passado vivo” é um equívoco. Não há como falar em tradição inventada se as pessoas, principalmente as idosas, ainda o praticam, o que não é o caso. Essas tradições “sobrevivem” nas apresentações dos ranchos folclóricos. E não mais no cotidiano.

O significado de um ritual só pode ser interpretado quando as fontes (algumas delas coletadas por folcloristas) deixam de ser vistas como fragmentos folclóricos, uma “sobrevivência”, e são inseridas no seu contexto total (THOMPSON, 2001, p. 238). São os chamados resíduos do passado que têm uma conotação negativa. São permanências, mas não estáticas, com o mesmo objetivo. É a discussão do residual e do arcaico. O residual ainda encontra lugar no presente. Sua formação é no passado. O arcaico pode ser retomado no presente, revivido, mas seu sentido ficou no passado. (WILLIAMS, 1979, p. 125).

Esse Portugal desconhecido até para a própria comunidade portuguesa em São Paulo é um Portugal carente de pesquisas sobre o assunto. Para se trabalhar com esses grupos é necessária a história oral como norteadora, pois no Brasil, a bibliografia é escassa. São vários grupos que surgiram, desapareceram ou se fundiram sem deixar registros. É uma história de rupturas e permanências. São documentos sem organização e tratados como pessoais que se espalham pelas casas de componentes, como atas de reuniões, fotos, registros de viagens, vídeos. Por meio da história oral é retomada a percepção do passado como algo que tem continuidade hoje e cujo processo histórico não está acabado (MEIHY, 2000, p. 18).

E pensar também que esses imigrantes que formaram os grupos folclóricos chegaram ao Brasil após a década de 1950. Alguns com filhos jovens e adultos. E no momento, muitos já falecidos. Esses portugueses vivenciaram o cotidiano que o folclore tenta reconstruir nessa agora tradição inventada. Viveram no campo, usaram as roupas, andaram entre as aldeias para participar de festas ao som da concertina. São as pessoas que ajudaram a transmitir as canções que esses grupos cantam. Canções que remontam há séculos e que já constam de domínio público. Que decoraram os passos e repassaram aos familiares. É uma história de grupos formada por histórias individuais. E também uma história de jovens, pois são eles que continuam essa tradição.

É a oralidade que separa a história da memória. É nela que se dá o papel da história oral como mediadora entre uma solução que se baseia em documentos escritos (história) e outra (memória) que se estrutura, quase exclusivamente, apoiada nas transmissões orais. (MEIHY, 2000, p. 93.)

É uma história que faz parte da cidade de São Paulo, pois quem trouxe essas tradições para essa cidade são os imigrantes que aqui chegaram na metade do século XX, e que, como outros imigrantes e migrantes, conduziram o rumo dessa metrópole ao que ela é hoje.

ALMEIDA, R. **Inteligência do folclore**. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1957.

FRADE, CÁSCIA. **Folclore**. Para Entender 3, São Paulo: Global, 1991.

HOBSBAWM, E.; RANGER, T. **A Invenção das tradições**, 3ª ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

MEIHY, J. C. S. B. **Manual de história oral**, 3ª ed. rev. e ampl. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

PESAVENTO, S. J. **Palavras para crer- imaginários de sentido que falam do passado**.  
Nuevos Mundos –Mundos Nuevos, v.6: UFRGS, 2006

THOMPSON, E. P. **As peculiaridades dos ingleses e outros ensaios**. Campinas: Ed. Unicamp, 2001.

VILHENA, L. R. **Projeto e missão: o movimento folclórico brasileiro (1947-1961)**. Rio de Janeiro, Funarte: Fundação Getúlio Vargas, 1997.

WILLIANS, R. **Marxismo e literatura**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.